

## HETEROGENEIDADE DISCURSIVA EM ROSAMONDE, O TOURO DA MORTE

Tania Lima dos SANTOS\*

Numa fase mais recente da Análise do Discurso (AD) que passa a trabalhar sob o signo da heterogeneidade, concebe-se a existência da polifonia, do dialogismo, da heterogeneidade, como marcas características dos discursos. Com base nos estudos de Foucault (1969), os discursos caracterizam-se pela dispersão, isto é, são formados por elementos ligados por nenhum princípio de unidade, cabendo à AD descrever essa dispersão e determinar: os objetos que aparecem, coexistem e se transformam em um espaço discursivo; os diferentes tipos de enunciação que podem permear os discursos; a permissão ou a exclusão de certos temas em uma formação discursiva. Desta forma, os enunciados que compõem os discursos foram, em grande parte, ditos muitas vezes, tendo sua origem perdida em tempos imemoriais. Portanto, os sentidos que carregam são conseqüências dos discursos a que pertenceram, e não de serem ditos, neste momento, por exemplo, por alguém.

Nesta perspectiva, a questão do sujeito é uma das mais importantes para a AD, cuja idéia básica é de que há algum tipo de relação entre aquele que fala e o que fala, e de que este, sozinho, não controla o sentido dos seus enunciados. A fala do sujeito é produzida de fora, a partir de um determinado tempo e de um determinado lugar e, visto desta forma, ele não controla o que faz ou diz, porque reflete o que é feito ou dito na sociedade, nas circunstâncias em que se encontra. A dispersão de que fala Foucault reflete a descontinuidade dos planos de onde fala o sujeito que pode, no interior do discurso, assumir diferentes estatutos (Gregolin, 1997). Em resumo, tem-se um sujeito ideológico que é complementado na interação com o Outro, ou seja, um sujeito que situa seu discurso em relação ao discurso do Outro

---

\* Mestranda da Área de Teoria da Literatura da UNESP/São José do Rio Preto(CAPES).

(Brandão, 1997). Este aspecto explica o que tem se denominado de heterogeneidade discursiva.

A manifestação da heterogeneidade no discurso ocorre na própria superfície do discurso através da materialidade lingüística do texto, de formas marcadas que vão das mais explícitas – heterogeneidade mostrada – às mais implícitas – heterogeneidade constitutiva (Maingeneau, 1997).

Tendo em vista estas considerações, levantamos como objetivo deste trabalho a análise de algumas marcas da heterogeneidade na obra teatral *Rosamonde, o touro da morte*, do escritor maranhense Bandeira Tribuzzi, escrita em 1949, mas só publicada postumamente em 1985.

A natureza do texto teatral obriga-nos, antes de mais nada, a esclarecer alguns aspectos do seu caráter enunciativo. Segundo Maingeneau (1996), no teatro são apresentados vários interlocutores autônomos, cujo conjunto de enunciados, que formam a peça, está relacionado a uma fonte enunciativa invisível a que corresponde a figura – distinta do autor – do arqui-enunciador: o ponto de vista do arqui-enunciador seria uma espécie de resultante da relação entre os vários pontos de vista dos interlocutores.

Além da duplicidade na questão da enunciação (interlocutor x enunciador), opera-se também uma dupla apreensão da obra teatral, sendo possíveis duas leituras: a do espectador que assiste à representação e recebe os enunciados que foram escritos anteriormente, e a do leitor que tem acesso ao texto, separados por uma defasagem temporal entre o representado (posterior) e o escrito (anterior). Tem-se, ainda, neste gênero dois destinatários: o interlocutor em cena que realiza suas réplicas em relação aos outros interlocutores, e o público. Ressaltamos que neste trabalho nos prenderemos à análise discursiva da obra do ponto de vista do leitor que trata o texto como um espaço possível de ser percorrido em todos os sentidos. Deixaremos à parte as informações metadiscursivas contidas nas didascálias, concentrando-nos mais em sua temática e na identificação de discursos na obra.

A análise e interpretação dos sentidos do discurso têm como pressuposto a constante reflexão que prevê sob muitos aspectos a intersecção de discursos. Partimos da compreensão de que os discursos são objetos culturais construídos pelo fazer humano os quais, ao suprirem necessidades humanas, são assumidos como objetos de valor. A presença significativa destes objetos – enunciados e discursos – é garantida, num primeiro momento, pelo relacionamento dialógico que mantém o discurso em si mesmo

– intradiscursividade – e, em segundo lugar, com outros objetos de valor, com outros discursos – interdiscursividade.

Do estudo em questão, pode-se dizer que uma das mais manifestas formas da interdiscursividade do texto de *Rosamonde* centra-se na predominância da temática do mito sebastianista, em toda sua extensão, marcada principalmente pela espera de um ser sobrenatural, de um messias que resgatará o povo dos males. Neste sentido, e quanto à temática mais ampla da obra, pode-se caracterizar este nível como de intertextualidade interna, uma vez que os discursos que partem do mito sebastianista<sup>1</sup> e o que trata a obra, propriamente dita, situam-se num mesmo campo discursivo, apresentando enunciados semanticamente vizinhos: a espera do messias, o resgate dos tempos bons, etc. Por outro lado, a percepção desta e de outras formas discursivas só é possível graças ao domínio da memória discursiva pelo leitor.

A temática sebastianista na obra está representada pela lenda que percorre o espaço maranhense. A lenda maranhense segue o exemplo do nordeste brasileiro onde as lendas sobre D. Sebastião fizeram um trajeto que seguiu de sua transplantação da lenda medieval sebastianista em Portugal até o Brasil, onde, para sua adequação no novo espaço, vêm absorvendo elementos próprios das culturas em que se inseriu, executando trajetos temáticos diferentes. Sua migração no Maranhão a revestiu da cor local através dos tempos, num lento processo de adaptação espaço-temporal, no qual se incorporaram diversos elementos aos “originais” assimilados, reconstruindo um novo enredo que, porém, lhe garantiu sobrevivência e conferiu sentido à realização dos sentimentos e aspirações do povo: o mito sebastianista em sua migração temática – trazido pela ação do colonizador – interagiu no espaço maranhense com uma nova cultura, uma nova ideologia. São novos nesta versão os elementos: premonição, mau agouro, touro, estrela na testa, entre outros.

No Maranhão a lenda de D. Sebastião é conhecida também como *Lenda do Rei Touro* ou do *Touro encantado da Praia dos Lençóis*, e é uma das que mais têm repercussão em todas as camadas culturais, inspirando

---

<sup>1</sup> O mito sebastianista é exemplo também do dialogismo constitutivo da linguagem, pois origina-se de elementos pré-construídos em outros discursos, anteriores a ele. O messianismo português é a resultante da convergência de três correntes: duas de natureza eminentemente religiosa – judaísmo e cristianismo –, e uma política. A Idade Média fora uma época de intensa expectativa messiânica, na qual, desde o século XIII, já se ouviam profecias sobre o Encoberto.

diversos artistas. Reproduz-se no imaginário popular maranhense a crença de que, após a derrota contra os mouros, D. Sebastião teria embarcado com toda sua corte para as costas brasileiras, e por sortilégio dos mouros foi encantado, passando a viver em seu palácio no fundo do mar, na Praia dos Lençóis, situada entre os municípios maranhense de Turiaçu e Cururupu. Diz-se que todo dia 4 de agosto, data da batalha, ele salta de seu navio montado em seu cavalo e galopa pela praia. Nas noites de São João retorna à praia sob a forma de touro negro com um pentáculo brilhante na testa. O fim do encantamento se dará quando alguém fizer-lhe uma incisão na testa estrelada, provocando a emersão de seu reino e a submersão da Ilha de São Luís (Moraes, 1980).

Em *Rosamonde*, D. Sebastião é também a figura heróica que se encontra, porém, metamorfoseada em touro num explícito dialogismo com a lenda de D. Sebastião no Maranhão. Encontramos nela, como uma das vozes que permeiam o discurso, a voz que representa o povo, a criação popular. Desta forma inscreve-se no discurso da obra, enquanto uma dispersão de enunciados, a temática do mito sebastianista e da lenda do *Rei Touro*, ou seja, a memória de outros discursos que se cruzam entre si e conferem sentido à obra.

Por outro lado, essa voz nega e altera estes discursos entrecortando-os com outras vozes e outros discursos pertencentes a campos discursivos distintos que caracterizarão a intertextualidade externa na obra. Em outras palavras, tem-se um discurso que se relaciona com outros, de campos discursivos diferentes mas que também fazem parte de nossa memória coletiva: na lenda, o fim do encantamento do touro (D. Sebastião) ocorrerá quando alguém, de muita coragem, ferir-lhe a testa estrelada e assim causar a vinda à tona do reino de D. Sebastião da Praia dos Lençóis e a destruição da Ilha de São Luís. Na obra, entretanto, o desencantamento sofre alteração, só podendo realizar-se pelo poder do beijo puro de uma virgem – Rosamonde. Há nesta variante literária a inserção de novo discurso, resultante de uma aproximação intertextual do episódio com os contos em que a passagem de um estado disjunto, em relação a determinados valores considerados positivos, para um estado de conjunção com esses, é marcada pela performance do beijo, como ocorre nos contos da Bela Adormecida, do sapo que vira príncipe, da bela e a fera, da Branca de Neve e os sete anões, etc. Distintamente do que prevê a lenda com relação à destruição de São Luís, o desencantamento na obra caracteriza-se como um episódio apenas eufórico, que concretiza a utopia da eterna felicidade.

O desencantamento do touro e o retorno do messias em *Rosamonde* realiza ainda um diálogo explícito – heterogeneidade mostrada – com o pensamento messiânico português, relativo ao espaço ficcional em que ocorre o evento: os povos ou destinatários de que tratam as obras de Bandeira Tribuzzi e de Fernando Pessoa só recuperarão sua autonomia, grandeza e paz com o regresso de D. Sebastião, num ato ao mesmo tempo misterioso e divino. Torna-se presente em *Rosamonde* um sentimento semelhante ao do nacionalista português. Ao comparar-se o texto ao que se experimenta na obra de Fernando Pessoa, por exemplo, percebe-se que esse mesmo sentimento é visível no poema *Prece*:

Senhor, a noite veio e a alma é vil  
 Tanto foi a tormenta e a vontade!  
 Resta-nos hoje, no silêncio hostil,  
 O mar universal e a Saudade  
 E outra vez conquistaremos a Distância  
 \_ Do mar ou outra, mas que seja nossa! (Pessoa, 1945)

Em *Rosamonde*, temos:

Assim blasfemas!  
 contra isto que é nosso, onde nascemos  
 e nossos pais e avós se consumiram  
 tal como nós em lutas infundáveis [...]  
 Não trocarei esta miséria e dor  
 Pelo mais claro (e falso!) céu estranho.  
 Aqui, para morrer eu fui gerado  
 aqui quero morrer... (Tribuzzi, 1985)

Ainda nesta perspectiva dialógica, observa-se que o ambiente que se cria na obra, após o desencantamento, confirma sua intertextualidade com o pensamento de Fernando Pessoa no trecho citado por Antonio Quadros (estudioso do Movimento de Orpheu que dedicou diversos livros, ensaios e artigos à obra de Fernando Pessoa), sobre o retorno de D. Sebastião: “por uma manhã de névoa, no seu cavalo branco, vindo da ilha longínqua onde esteve esperando a hora da volta” (Quadros, p. 165). No IV ato de *Rosamonde* – Anunciação – evidencia-se a heterogeneidade discursiva através dos enunciados que refletem uma perspectiva de gradativo declínio do obscurecimento, de saída do torpor em que durante anos se mantivera o povo. Na referência ao surgimento da madrugada, que antecede o renascer de um povo, sugere-se também uma passagem da obscuridade para a claridade, das trevas para luz:

... Meu coração  
Não sei se mereceras esta graça  
de ver as cores do milagre vindo  
na cor da madrugada. (Tribuzzi, 1985, p. 61)

O enredo de *Rosamonde* articula ainda diversos temas que resumem paradoxos universais do nosso inconsciente coletivo: o Bem e o Mal, a verdade e a loucura, a violência e a solidariedade, a condenação e a salvação, que, por sua vez, são temas que permeiam o discurso religioso. Segundo Citelli (1995), o discurso religioso distingue-se de outros discursos autoritário-persuasivos por não revelar a voz do sujeito falante, substituindo-se o “eu” persuasivo no discurso religioso – Deus, o messias, a divindade – por alguém que fala em seu nome e que não é o dono do discurso, é apenas seu porta-voz que repassa o discurso dogmático. Assim, *Rosamonde* enfeixa alguns temas próprios da moral cristã: fé, pecado/punição, sacrifício, morte/ressureição, gozo eterno, etc. Na obra, vários personagens assumem este papel de veiculo do discurso religioso: o Louco, Rosamonde, Maria Amor, etc. Observa-se que o discurso mítico-religioso é o que predomina na obra. Há também outras vozes dissonantes no texto que negam e tentam subverter esta voz maior, presentes na fala de outros personagens: Rosafalsa, o Feiticeiro, Invidiã, etc.

Neste sentido, verifica-se ainda a existência de enunciados que parafraseiam o discurso bíblico ao apregoarem a fé e a busca não do prazer carnal (visto como pecado), mas do sacrifício que leva ao gozo espiritual (à vida eterna, à salvação). Um exemplo deste discurso encontra-se no fragmento abaixo, que parafraseia a *Parábola do filho pródigo*:

Maria Amor: \_ Pede perdão.  
Rosafalsa: \_ Não posso que me fogem as palavras e  
me falta a coragem de dizer-lhe:  
\_ Pai, pequei contra ti e contra Deus. (Tribuzzi,  
p. 34).

Este trecho remete ao texto bíblico: “Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lucas 15:21). O personagem desonra seu pai ao cometer um deslize, não da ordem material, mas espiritual – perde sua virtude. Percebendo que errou, arrepende-se e, reunindo sentimentos semelhantes ao do filho pródigo, ensaia, no fragmento acima, o que dizer ao pai.

Na figura de D. Sebastião sintetizam-se traços gerais de muitos outros personagens que se identificam com o arquétipo simbolizado por ele, que se diversifica nos papéis de guerreiro, herói, salvador, santo e, na figura do touro, também do mal. A figura mítica de D. Sebastião mescla-se com a figura do mártir ou do herói nacional que vem para resolver os problemas de determinado povo. Esta figura está presente em várias culturas: Cristo (cultura cristã), Tiradentes, Gengis Kan, Martin Luther King, e outros.

Convertido em touro e com uma estrela na testa, D. Sebastião pode ocasionar uma “con-fusão” ou fusão na tradição popular maranhense com a figura do bumba-meu-boi, que geralmente apresenta uma estrela na testa. As origens de ambos são distintas, mas os seguimentos sociais que alimentam estas manifestações – as camadas mais populares – executam uma releitura que reúne, relaciona e identifica a figura do touro com a do boi.

Estas formas de manifestação da heterogeneidade na obra em estudo são apenas algumas entre as muitas possíveis. Segundo Maingeneau (1997), o levantamento exaustivo e a classificação das marcas da heterogeneidade representam uma tarefa perigosa, talvez impossível, porque o sentido transita entre o texto e o leitor, desta forma seu reconhecimento depende da memória do leitor, da sua capacidade de interpretação e do domínio de um amplo repertório cultural, que solicitam a cumplicidade do leitor na apreensão dos múltiplos sentidos do discurso.

### Referências bibliográficas

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
- CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1995. (Princípios).
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- GREGOLIN, M. do R. V. *A tipologia textual e a construção da referencialidade no discurso jornalístico*. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DES LINGUISTES, 16., 1997, Paris.
- MAINGENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MORAES, J. *O rei touro e outras lendas maranhenses*. São Luís: SIOGE, 1980.
- PESSOA, F. *Mensagem*. São Paulo: Ática, 1945.

**Tania Lima dos Santos**

---

QUADROS, A. *Mensagem e outros poemas afins*. 2. ed. Portugal: Europa-América, s. d.

TRIBUZZI, B. *Rosamonde, o touro da morte*. São Luís: SIOGE, 1985.